

PEC 101/2019

Câmara Federal aprecia plano de saúde para contaminados da EX SUCAM

Após anos de intensa luta dos sindicatos e em especial do Sindsep/MA em defesa dos bravos companheiros que trabalharam manuseando o inseticida Dicro-Difenil-Tricloroetano – DDT, está tramitando na Câmara dos Deputados uma proposta que acrescenta artigo ao Ato das disposições Constitucionais Transitórias obrigando o governo a conceder Plano de Saúde aos servidores públicos da extinta Superintendência de Campanhas de Saúde Pública – SUCAM que manusearam o DDT.

A proposta é do deputado Mauro Nazif do PSB de Rondô-

nia e está na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania – CCJC da Câmara de deputados onde está sendo apreciada para em seguida ser votada em Plenário.

“Essa é uma reivindicação antiga do nosso sindicato para pelo menos diminuir os efeitos nefastos provocados na saúde dos companheiros pela exposição ao veneno”, disse Raimundo Pereira, presidente do Sindsep/MA.

A Condsef/Fenadsef também tem lutado em várias frentes para tentar minorar os problemas causados aos servidores por terem ficado expostos ao DDT por

tantos anos. Além de buscar reparação através da Justiça, a direção da Condsef/Fenadsef tem pressionado os parlamentares na tentativa de sensibilizá-los para a grave questão de saúde trabalhadores.

“Nós estamos fazendo mutirões para pressionar os deputados a aprovarem essa medida o mais rápido possível na CCJC, afinal, quem está precisando tem pressa, muitos inclusive com algum tipo de câncer provocado pela longa exposição ao DDT”, disse Valter Cezar Figueiredo, secretário de Comunicação do Sindsep/MA e diretor da Condsef/Fenadsef.

Reforma da Previdência

Vai ser R\$ 1 trilhão desviado da população

Agendada para ser votada nesta terça-feira, 1º, pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado e também pelo Plenário da Casa, em primeiro turno, logo em seguida, a proposta de reforma da Previdência foi criticada por especialistas em mais uma audiência pública, realizada nesta segunda-feira. Ex-presidente do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal e atual coordenadora da Auditoria Cidadã da Dívida, Maria Lúcia Fatorelli palestrou e afirmou que a tentativa de desmonte das aposentadorias dos brasileiros vem em um contexto de crise fabricada.

Para o Secretário-geral da Condsef/Fenadsef, Sérgio Ronaldo da Silva, o que está em jogo é o patrimônio público dos brasileiros.

Dividida em duas propostas, a reforma da Previdência terá em breve uma complementação, com ações que foram desmem-

bradas em uma PEC Paralela. Sérgio Ronaldo diz que os servidores públicos devem intensificar a pressão em seus parlamentares para que votem contra a matéria. “Com cobrança e pressão, temos possibilidade de virar o jogo”, comenta.

Crise fabricada

A partir de 2015, Maria Lúcia Fatorelli comenta, a política monetária do Banco Central adotou postura de elevação exorbitante de juros, emissão excessiva de títulos e remuneração da sobra de caixa trilionária dos bancos. Essas medidas fizeram com que a dívida interna crescesse e ultrapassasse os R\$ 730 bilhões em menos de um ano. Para fins de comparação, o Investimento Federal de 2015 foi menos de R\$ 10 bilhões. “O Banco Central está suicidando o Brasil”, afirmou Fatorelli, usando uma citação do economista Thomas

Piketty. O resultado desse cenário é aumento do desemprego e da miséria extrema, que voltou com mais de 13 milhões de pessoas, enquanto os bancos batem recordes de lucro.

Fatorelli explicou também que a crise justificou a reforma trabalhista, as privatizações em curso e a suposta necessidade de uma reforma da Previdência que prejudica as aposentadorias da população. Segundo sua análise, o discurso da crise encerra as pessoas e força apoio à aprovação da PEC 6. “Mas o R\$ 1 Trilhão que o ministro Paulo Guedes diz querer economizar é um montante que não vai chegar na mão da população e não vai girar a economia”, denuncia.

“Essa reforma vai ser votada amanhã e 90% da população brasileira não conhece essa reforma”, apontou com preocupação o senador Paulo Paim.

Fonte: Condsef



Erro dos agentes da Lava Jato foi subestimar cacife político de Lula

O ex-juiz federal e atual ministro da Justiça Sérgio Moro, o procurador Deltan Dallagnol e o ex-procurador-geral da República, Rodrigo Janot, entre outros juizes e procuradores, fizeram tudo o que parecia perfeito. Aderiram a uma trama arquitetada nos Estados Unidos, que contava inclusive com apoio dos setores conservadores no Brasil, para impedir a expansão do país como potência no tabuleiro geopolítico mundial.

As estratégias pareciam infalíveis: o golpe de 2016, orquestrado com setores da mídia, do Legislativo e do Judiciário, derrubou a presidenta eleita Dilma Rousseff (PT) mesmo sem crime de responsabilidade. E o processo, condenação e prisão, em tempo recorde e mesmo sem provas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que liderava as pesquisas de intenção de votos para a Presidência da República.

Desde 7 de abril de 2018 Lula está preso na superintendência da Polícia Federal em Curitiba e a extrema-direita chegou ao poder no país com a eleição de Jair Bolsonaro (PSL). Sem contar o governo do golpista Michel Temer (MDB-SP), que deu início ao desmonte da legislação trabalhista e abriu caminho para outras “reformas” conduzidas pelo atual governo.

“No entanto os agentes da Lava Jato cometeram o erro de subestimar Lula como a maior liderança popular da história do país e uma das maiores do mundo. Acreditaram que ao ser trancafiado em Curitiba, Lula receberia uma banana da sociedade e ali seria esquecido para sempre – o que não aconteceu”, avalia o jornalista Fernando Rosa, autor do livro *A Ousadia dos Canilhas: A Lava Jato*

que o Brasil não viu (Leia destaque no final da reportagem).

Roubada

Foi o movimento de diversos setores pela liberdade de Lula, e a sua própria interlocução com lideranças nacionais e estrangeiras, acredita Rosa, que permitiu que a narrativa e o modus operandi da Lava Jato fosse colocada em xeque. “A divulgação das conversas entregues por uma fonte ao jornalista Glenn Greenwald, do *The Intercept*, foi deixando claro que houve manipulação jurídica. A perseguição a Lula, alvo político, foi ficando explícita. O mundo empresarial viu que entrou em uma roubada, que não era só tirar a Dilma. Aí veio a bomba atômica: o ex-chefe da Lava Jato (Rodrigo Janot) disse que entrou na sala para matar o ministro (Gilmar Mendes). Um desgaste muito profundo”, diz.

O jornalista lembra a importância de outros veículos passarem a divulgar conversas em parceria com o *Intercept*. Isso fez com que a própria mídia mudasse seu humor, a ponto de não querer “ficar pagando esse mico” na defesa de Moro, Deltan e companhia.

O que falta, para ele, é a compreensão da sociedade – do campo disposto a enxergar, é claro – sobre a dimensão do desastre e a destruição do estado causados pela Lava Jato. Além do prejuízo econômico, como o que se abateu principalmente sobre a construção civil e setores do petróleo e gás, afetando a cadeia inteira, fechando empresas e milhares de empregos, há o institucional, em que um juiz passou a acusar, defender, investigar e executar a pena do condenado, quando deveria se limitar ao papel de julgar.

“Lula é hoje a única instituição política de pé no Brasil. E a Lava Jato caminha para o seu limite, ladeira

abaixo, conforme já atestam muitos de seus grandes defensores”, diz, referindo-se a jornalistas como Eliane Cantanhêde, que hoje (29) publicou artigo a respeito no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Canilhas ousados

A Ousadia dos Canilhas: A Lava Jato que o Brasil não viu é um livro de jornalismo opinativo, em que o autor Fernando Rosa e seus colaboradores desvendam a natureza da Lava Jato por meio de fontes secundárias. Mas sem deixar de lado o rigor na percepção e análise dos fatos.

Com apresentação assinada pela presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, a obra reúne 38 artigos publicados no blog *Senhor X*, sobre geopolítica e política brasileira. São textos escritos a partir de 2016, bem antes da Vaza Jato, até os dias de hoje. “Muita gente conhecida que chamava meus textos de teoria da conspiração hoje me pedem desculpa”, diz Rosa.

“Para quem quer entender o que se passou no Brasil nos últimos seis anos e compreender o cenário atual, o livro de Fernando Rosa é um ponto de partida importante. A obra ganha relevância pela análise criteriosa e a percepção de que as jogadas judiciais são o pano de fundo de uma guerra híbrida no maior país da América do Sul”, escreveu Gleisi em seu texto.

A Ousadia dos Canilhas já está à venda na versão EBook pelo site da Amazon. O livro impresso tem lançamento previsto para esta primeira semana de outubro em Brasília e Goiânia, mas as datas ainda não foram definidas. Nas semanas seguintes há previsão para São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, na *Vigília Lula Livre*.

Fonte: CUT